

Entre apropriações criativas e cineconversas: uma experiência de curadoria educativa na universidade como meio de ‘estar junto’

Between creative appropriations and cineconversations: an educational
curatorial experience at university as a way of ‘being together’

Entre apropiaciones creativas y cineconversaciones: una experiencia
de curaduría educativa en la universidad como forma de ‘estar juntos’

ALEXANDRE SILVA GUERREIRO¹

RESUMO: O presente artigo propõe uma reflexão sobre uma experiência de curadoria educativa dentro da universidade como meio de ‘estar junto’. Durante o X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens e Sons, realizado no Rio de Janeiro e São Gonçalo, em 2024, foram realizadas duas sessões de curtas metragens para promover cineconversas a partir dos filmes. Temos como objetivo pensar na importância da curadoria educativa e da figura do *professorcurador* no sentido de promover experiências transformadoras nos cotidianos escolares. Seguimos a perspectiva de um relato de experiência, tendo como abordagem teórico-metodológica o estudo nos/dos/com os cotidianos, entendendo as sessões propostas como um momento de encontro, troca e produção de conhecimento através dos sons e imagens apresentados.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema e educação; apropriação criativa; cineconversas; curadoria educativa.

ABSTRACT: This paper proposes a reflection on an educational curatorial experience within the university as a way of ‘being together’. During the X Seminar of Laboratories and Research Groups with Education, Images and Sounds, held in Rio de Janeiro and São Gonçalo, in 2024, two screenings of shortfilms were held to promote cineconversations based on the films. Our aim is to think about the importance of educational curatorship

1. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP/PPGEDU, São Gonçalo/RJ, Brasil.

and the figure of the *teacher-curator* in promoting transformative experiences in everyday school life. We followed the perspective of an experience report, taking as our theoretical-methodological approach the research on the/ of the/ with the everyday life, understanding the proposed sessions as a moment of encounter, exchange and production of knowledge through the sounds and images presented.

KEYWORDS: Cinema and education; creative appropriation; cineconversations; educational curatorship.

RESUMEN: Este artículo propone una reflexión sobre una experiencia de curaduría educativa dentro de la universidad como forma de «estar juntos». Durante el X Seminario de Laboratorios y Grupos de Investigación con Educación, Imágenes y Sonidos, realizado en Río de Janeiro y São Gonçalo, en 2024, se realizaron dos proyecciones de cortometrajes para promover cineconversaciones a partir de las películas. Nuestro objetivo es reflexionar sobre la importancia de la curaduría educativa y la figura del *docente-curador* en términos de promoción de experiencias transformadoras en la cotidianidad escolar. Seguimos la perspectiva de un relato de experiencia, tomando como enfoque teórico-metodológico las investigaciones en/ de/ con los cotidianos, entendiendo las sesiones propuestas como un momento de encuentro, intercambio y producción de conocimiento a través de los sonidos e imágenes presentados.

PALABRAS CLAVE: Cine y educación; apropiación creativa; cineconversaciones; curaduría educativa.

INTRODUÇÃO

A prática de exibir filmes em contextos educacionais coloca em pauta questões específicas provenientes da interseção cinema e educação. Escolher quais filmes exibir, com que motivações e intenções é algo que marca a curadoria educativa (Vergara, 2018; Martins, 2006). Quando professoras e professores, a partir de seus repertórios e vivências com os sons e imagens que compõem suas trajetórias afetivas, decidem exibir determinadas obras audiovisuais no ambiente educacional, adentramos um universo de possibilidades próprio da relação que se estabelece entre o cinema, entendido como matriz de todo o universo audiovisual contemporâneo, e a educação.

Muito já se escreveu sobre o risco do conteudismo sempre presente nessa relação (Bergala, 2008; Fresquet, 2013; Preto, 2013). Exibir um filme como apoio pedagógico, com a intenção de complementar ou ilustrar determinado conteúdo programático, diminui a potência que o trabalho com sons e imagens pode trazer

para a sala de aula, na medida em que se perde de vista os aspectos éticos, estéticos, políticos e poéticos que o audiovisual tem a nos oferecer. Essa é uma discussão que passa pela formação inicial e continuada de professoras e professores. Como esperar que tais profissionais tenham elementos para aprofundar as cineconversas (Alves; Ramos, 2022) acerca de um filme se uma reflexão mais densa sobre o trabalho com sons e imagens permanece ausente nas faculdades de formação de professores que, muitas vezes, reproduzem o conteudismo tão criticado no território dos estudos de cinema e educação? O que importa quando levamos sons e imagens para o ambiente escolar que seja mais importante do que o ato de ‘estar junto’ diante desses sons e imagens, e de *verouirsentirpensar* um filme?

Acreditando na potência das cineconversas, que está baseada na troca entre os participantes após as sessões de filmes, com suas impressões e afetações, pegamos emprestado o termo ao grupo de pesquisa “Currículos, Redes Educativas e Imagens”, coordenado pela Professora Nilda Alves, a partir do entendimento de que o conceito de cineconversas é mais apropriado do que o de cineclube, uma vez que nas cineconversas a centralidade não está nos filmes, mas no conhecimento que produzimos juntos, a partir das trocas possíveis que se seguem às exibições. Dessa forma, *verouirsentirpensar* os filmes se estabelece como processo individual e coletivo que reverbera nas cineconversas como uma forma de estarmos juntos na educação.

Nesse sentido, amparamo-nos em Nilda Alves *et al.* (2021, p. 162), que entendem que:

Ao ‘verouirsentirpensar’, em cada filme trazido às ‘cineconversas’, com suas tantas possibilidades de compreender uma obra e as realidades que cria, sentimo-nos, muitas vezes, crianças: descobrindo um novo filme; rindo de algumas coisas que traziam; fugindo de coisas terríveis que apresentava, não querendo ver aquilo... Conseguindo perceber, assim, as tantas relações entre as redes educativas e as diferentes relações entre os que nelas estão incluídos ou excluídos.

Neste texto, propomos uma reflexão sobre uma experiência de curadoria educativa na universidade como meio de ‘estar junto’. Durante o X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens e Sons, realizado no Rio de Janeiro e São Gonçalo, em 2024, foram montadas duas sessões de curtas metragens para promover cineconversas a partir dos filmes junto aos participantes do Seminário. Temos como objetivo pensar a importância da curadoria educativa e da figura do *professorcurador* como centrais para promovermos experiências

transformadoras nos cotidianos escolares. Adotamos, aqui, a perspectiva de um relato de experiência, tendo como abordagem teórico-metodológica o estudo nos/dos/com os cotidianos, a partir do pensamento de Nilda Alves (2015, 2021, 2022), entendendo as sessões propostas como um momento de encontro, troca e produção de conhecimento através dos sons e imagens apresentados.

Ao refletirmos sobre essas cineconversas, pensamos na importância de estarmos juntos *vendoouvindosentindopensando* os filmes, compartilhando com pesquisadoras e pesquisadores que participaram do X Seminário um momento singular. A circulação de conhecimentos e afetos produzidos a partir desses momentos são muitos e funcionam como forma de resistência diante do cenário das novas tecnologias que, muitas vezes, tendem a nos isolar, seja através dos dispositivos móveis como mananciais de sons e imagens, seja através da experiência individualizada que as plataformas de *streaming* nos oferecem. *Verouvirsentirpensar* os filmes é um meio de ‘estar junto’ produzindo conhecimento, construindo nossas visões de mundo e desenvolvendo sensibilidades.

Iniciamos com uma reflexão sobre a importância de ‘estarmos juntos’ *vendoouvindosentindopensando* filmes e entendendo esses momentos como formas de resistência diante do cenário tecnológico atual. Em seguida, refletimos sobre a experiência da curadoria educativa realizada durante o X Seminário como forma de apropriação criativa e como mote para a produção de conhecimentos e sensibilidades através das cineconversas. Concluímos com o entendimento de que essas experiências formativas através de sons e imagens nos convocam a seguir refletindo sobre as dimensões ética, estética, política e poética dos filmes, e sobre as relações que se estabelecem entre o cinema e a educação como produção de conhecimentos e afetos.

IMAGENS E SONS COMO MEIO DE ‘ESTAR JUNTO’

‘Estar junto’ é um primeiro movimento importante quando pensamos na realização de uma sessão de filmes. A experiência cultural iniciada com os irmãos Lumière quando da invenção do cinematógrafo dizia respeito a esse aspecto de estarmos juntos, num mesmo ambiente, assistindo a imagens que criavam a ilusão do movimento. A lendária sessão de cinema que teve lugar no dia 28 de dezembro de 1895, no Grand Café, no Boulevard des Capucines, em Paris, funciona como um marco da invenção tecnológica em si, e provocou a reação, por vezes questionada por historiadores do cinema, de uma plateia que se assustou com o movimento do trem que se aproximava da câmera, em *Chegada de um Trem na Estação* (*L’Arrivée d’un train en Gare*

de *La Ciotat*, dirigido pelos irmãos Lumière, em 1895), um dos filmes exibidos naquela sessão. Mas o diferencial do cinematógrafo não era a criação da ilusão do movimento em si, que outras máquinas já haviam criado antes, mas a possibilidade de projeção das imagens a pessoas que experimentavam juntas essas imagens.

A atenção sempre dada ao invento tecnológico em si, de certa forma, ofuscou esse fato que era essencial à invenção do cinematógrafo: a possibilidade de estarmos juntos num mesmo *espaçotempo* assistindo a sons e imagens. Cabe lembrar que mesmo no intervalo em que o cinema era considerado mudo, que vai desde esse “primeiro cinema” até a revolução do cinema sonoro, cujo marco principal é o lançamento do filme estadunidense *O Cantor de Jazz* (*The Jazz Singer*, de Alan Crosland), em 1927, o cinema sempre se utilizou de sons reproduzidos ao vivo ao lado das imagens. Antes da invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière, a busca pela reprodução do movimento das imagens era incessante, mas direcionava para experiências individuais, como o *kinetoscópio*², de Thomas Edison. Dessa forma, o cinema, como passamos a conhecer desde 1895, não foi apenas um largo passo na revolução cinematográfica que estava por vir, mas surgiu como uma possibilidade de ‘estarmos juntos’ sentindo e nos afetando por sons e imagens.

Ironicamente, as novas tecnologias avançam hoje e, cada vez mais, na direção da experiência individualizada de Thomas Edison, através da reprodução de sons e imagens em dispositivos móveis, ou mesmo de plataformas de *streaming* que, a partir do uso de algoritmos, oferecem cardápios de filmes gerados através do próprio comportamento individual do usuário nas plataformas. Porém, o cinema, em seu aspecto coletivo, resiste tanto comercialmente quanto em nossas práticas pedagógicas. Promover momentos de *verouvirsentirpensar* filmes estando juntos realiza algo de essencial ao cinema que hoje se coloca como uma verdadeira forma de resistência. Por óbvio, o uso das plataformas de streaming e das tecnologias poderá ser apropriado coletivamente, mas é inegável que a individualização da experiência audiovisual é uma marca da tecnologia na sociedade hodierna.

Ao mesmo tempo, não basta estarmos juntos diante de sons e imagens se não refletirmos sobre nossas intenções em relação ao que queremos com cada sessão, com cada escolha de filmes e com o próprio movimento de estarmos juntos. Afinal, quando consideramos uma sessão qualquer de filmes, que diferença faz experienciar sons

2. O *kinetoscópio*, desenvolvido, em 1889, por William Dickson, assistente de Thomas Edison, é um dispositivo criado para o visionamento de filmes, que permitia o visionamento das imagens ‘em movimento’ a uma pessoa de cada vez através de uma janela/visor.

e imagens na companhia de outras pessoas ou sozinhos em casa? O que se modifica no *verouvirsentirpensar* sons e imagens quando reproduzimos a essência do cinema no ambiente educativo, na valorização do ‘estar junto’? Acreditamos que a experiência de *verouvirsentirpensar* filmes juntos em ambientes educativos abre outras possibilidades de troca, uma vez que as cineconversas colocam o foco na produção de conhecimentos e afetos a partir das exposições, que é o que nos interessa pensar aqui.

Assim, duas certezas se colocam no proscênio: a afirmação do ‘estar junto’ na exibição e nas cineconversas como um método a ser adotado, como aposta ética e como um ato de resistência às novas tecnologias quando estas individualizam nossas experiências e nos afastam uns dos outros; a atenção às escolhas que fazemos, aos sons e imagens que decidimos, de alguma maneira, colocar numa mesma sessão, que nos farão refletir sobre os mais variados temas. Na primeira, somos pesquisadores que acreditamos na produção de conhecimentos para além das disciplinas tradicionalmente constituídas, e em *espaçotempos* outros para que o pensamento sobre os sons e imagens circule; na segunda, somos curadores que escolhem quais sons e imagens farão parte dessa experiência, que é ética, estética, política e poética na medida em que aciona todas as dimensões possíveis da arte, e não apenas uma abordagem conteudista dos filmes, ou seja, acreditamos em formas de estar também com os filmes e com todo o universo de conhecimentos, temas, afetos e pensamentos que eles evocam.

As escolhas que fazemos nos aproximam do conceito de curadoria, na medida em que o curador é aquele que ressignifica a obra de arte através de um recorte, de um determinado olhar, de sua visão de mundo. Nesse sentido, é importante lembrar que o trabalho do curador vem se desenvolvendo ao longo do tempo: “A palavra curador vem do latim *curare*, que por sua vez chega à nossa língua como curar - na acepção de “cuidar” ou “conservar”: tomar conta das obras de arte. Mas a profissão, tal como a conhecemos, é moderna...” (Leonzini, 2010, p. 9). Assim, a curadoria é algo que se desenvolve ao longo do tempo, e que, simultaneamente, guarda algo dessa ideia original de cuidar/conservar.

Se o ofício do curador é associado, em geral, às artes plásticas, é importante lembrar de sua importância também através de sua atuação profissional quando pensamos em mostras e festivais de cinema e audiovisual. No entanto, a escolha de imagens e sons em nossos cotidianos escolares traz especificidades para essa ação. Nesse sentido, podemos pensar em cada profissional da educação como curador quando seleciona obras audiovisuais para exibir às turmas. Através de suas escolhas, o curador cuida/conserva sons e imagens que circulam e ocupam

espaçostempos de produção de conhecimentos, de reflexão, de múltiplas possibilidades a partir do encontro em torno dos filmes.

As cineconversas que se seguem à exibição dos filmes estão diretamente ligadas às intenções que nós, enquanto educadores, temos através das decisões que tomamos sobre as obras a serem exibidas. Assim, acreditamos no educador como um *professorcurador*, que entendemos como alguém que supera a tradição conteudista na medida em que está atento às escolhas e à experiência com sons e imagens, que busca produzir conhecimento através de *verouvirsentirpensar* obras audiovisuais, explorando a dimensão ética, estética, política e poética dos filmes em tela. Como afirmam Martins e Picosque (2003, p. 8): “Como em toda curadoria, a escolha de imagens faz trabalhar o olhar, um olhar escavador de sentidos. Olhar mais profundo e ao mesmo tempo sem pressa, ultrapassando o reconhecimento, o fim utilitário das imagens”. Sendo assim, pensamos no *professorcurador* não como alguém que leva o audiovisual para os cotidianos escolares com o intuito de “passar” um conteúdo, mas de promover trocas e produção de conhecimento e afetos de maneira coletiva.

Para pensarmos o papel do curador atrelado à educação, é interessante nos aproximarmos do que Luiz Vergara (2018) chama de *curadoria educativa*. Vergara entende a arte como um ponto de encontro que acontece em três tempos. O tempo 1 se dá através da experiência perceptiva individual definida pelo encontro com a arte; ou seja, é um tempo marcado pelo estranhamento e/ou admiração em relação à obra de arte. O tempo 2 ocorre através do encontro com a arte pelo ato crítico/perceptivo, através da descrição/reconhecimento, sendo definido tanto por um movimento individual quanto coletivo. O tempo 3 é o da emergência de um ser poético através da imaginação ativa.

A curadoria educativa, assim, nos faz refletir sobre a escolha de filmes e temas que promovam no espaço escolar a experiência do cinema de uma maneira plena e enriquecedora. Pensamos, com Martins e Picosque (2003), que questões como a “consciência do olhar” e a “experiência da consciência ativa” trazem ao prosaetrio imagens e sons atrelados a uma perspectiva pedagógica. É *vendoouvindosentindopensando* as obras em tela que os tempos colocados por Vergara (2018) ganham uma nova dimensão, na medida em que entendemos que o encontro com as obras, marcado pelo estranhamento/admiração, assume uma perspectiva coletiva, o que nos conduzirá, após os tempos 2 e 3, às cineconversas, que só são possíveis graças ao ‘estarmos juntos’ enquanto aposta ética.

ENTRE APROPRIAÇÕES CRIATIVAS E CINECONVERSAS

O X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens e Sons foi realizado entre os dias 13 e 16 de maio de 2024, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Gonçalo. No Rio de Janeiro, o Seminário aconteceu no *campus* da UERJ Maracanã, e em São Gonçalo, o local escolhido foi a Faculdade de Formação de Professores, da mesma universidade. Na maior parte dos encontros, que reuniram pesquisadoras e pesquisadores de diversos países da América Latina, foram feitas apropriações criativas, que consistiram numa abordagem proposta por um grupo de pesquisa sobre um trabalho, previamente disponibilizado, de outro grupo também participante do Seminário.

As apropriações criativas ocorreram na Capela Ecumênica da UERJ Maracanã, entre os dias 13 e 15 de maio de 2024, com uma rica programação de intervenções, reflexões e afetos entre os participantes do Seminário, dando a ver a diversidade dos grupos e laboratórios de pesquisa com imagens e sons, suas diferentes abordagens, questões, anseios e inquietações, trazidas ao proscênio através das apropriações criativas, e abrindo espaço, de maneira inventiva, para a reflexão sobre nossos trabalhos de pesquisa.

Porém, a atividade realizada durante o X Seminário que nos interessa aqui foi a que ocorreu no *campus* da UERJ de São Gonçalo, e que consistiu na exibição de filmes seguida de cineconversas. Através da exibição de duas sessões de curtas metragens previamente organizados e colocados em diálogo, pudemos nos reunir para *verouvirsentirpensar* os filmes em tela, tanto filmes realizados por um dos grupos participantes do evento quanto obras de diretores e nacionalidades diversas. A curadoria dessas sessões ficou a cargo de membros da equipe de organização do X Seminário, da qual o autor deste texto fez parte.

A proposta da exibição dos curtas metragens alimentou, assim, nossas reflexões acerca da curadoria, através da necessidade da escolha de filmes, mais especificamente no que se refere à curadoria educativa. Dessa forma, ao assistirmos aos filmes lado a lado ao longo de duas sessões, tivemos cineconversas que, provavelmente, teriam sido diferentes se as escolhas fossem outras. Curadoria é, assim, curar/cuidar/conservar, mas também, escolher e inventar, é se apropriar criativamente de obras independentes, gestando uma conexão entre elas.

Partiu-se da proposta de organização de duas sessões, ambas no dia 16 de maio de 2024. A primeira sessão ocorreu pela manhã entre 10h e 11h30, e a segunda, na parte da tarde, de 13h às 14h30. A partir da exibição dos filmes, os participantes/pesquisadores puderam *verouvirsentirpensar* sobre os sons e imagens experienciados,

seguindo os tempos da curadoria educativa de que nos fala Vergara (2018) pois, se num primeiro momento, nossa relação com a obra de arte se dá individualmente, nos tempos seguintes, essa relação se torna coletiva. Sendo assim, o ato crítico/perceptivo e, finalmente, a emergência de um ser poético através da imaginação ativa se deram coletivamente, culminando durante as cineconversas, possíveis graças a nossa insistência em ‘estar junto’, presencialmente, no mesmo *espaçotempo*, experienciando os sons e imagens apresentados.

Nesse sentido, vale a reflexão sobre o “ato de curar”, de cuidar das sessões, reunindo obras diferentes num mesmo *espaçotempo*. Esses sons e imagens produzidos em momentos diversos, mas experienciados juntos, mudam de sentido e provocam questionamentos diferentes do que suscitariam se fossem vistos separadamente. Da mesma forma, as cineconversas, realizadas após as sessões, versaram sobre os filmes exibidos em conjuntos, com as indagações e sensações provocadas a partir do visionamento desses filmes numa mesma sessão. Poderíamos afirmar que fazer a curadoria de sessões como estas, por si só, constitui-se, de certa forma, como uma espécie de apropriação criativa, na medida em que mistura filmes e cria novas possibilidades de produção de conhecimento, numa verdadeira alquimia de sons e imagens, conectando obras separadas no que se refere ao momento de produção ou à equipe de realização.

No caso da primeira sessão, realizada pela manhã, os filmes de curta metragem exibidos pertenciam a um dos grupos participantes do Seminário. Eram os filmes da TV Lepete, oriundos do laboratório de mesmo nome (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação), da Universidade do Estado do Amazonas. Sobre o grupo, Eglê Wanzeler e Maria Quitéria Menezes (2021, p. 156) afirmam que:

O Lepete tem como linha de trabalho a formação inicial e continuada de professores e professoras. Esse processo é desenvolvido por meio da pesquisa formação, que é realizada em serviço, tendo a escola como lócus de formação e a universidade como instância mediadora desses processos, potencializando e impulsionando os currículos das escolas em seus cotidianos.

Na sessão, foram reunidos oito filmes da TV Lepete, todos com o mesmo padrão estético, animações realizadas, em geral, por computação digital, que tratavam de

temas os mais variados. Os filmes, disponíveis no canal do *youtube* do Laboratório³, foram visionados na seguinte ordem: *A Revolta dos Bichos da Floresta* (6 min.), *A Mucura e a Arara Azul* (4 min.), *Cuidados com a Água* (5 min.), *Descobrendo sua Identidade* (5 min.), *Meus Pequenos Mundos* (6 min.), *A Anta Apuradora de Fatos* (5 min.), *A Onça e o Macaco* (4 min.), *Macacada Manauara* (4 min.), totalizando, assim, uma sessão de, aproximadamente, 39 minutos, seguida pela cineconversa conduzida por Eglê Wanzeler e Nilda Alves a partir dos filmes exibidos.

A temática dos filmes dessa sessão se concentrava, sobretudo, em questões ambientais, de preservação dos animais e da natureza. Porém, no meio dessa temática, o filme *Descobrendo a Identidade*, trazia a diversidade para a discussão, indo além da predominância temática dos demais filmes. Ao discutir a questão da identidade, daquilo que nos faz únicos, a jornada de um jovem que questionava o porquê de ser chamado de menino oferecia uma possibilidade de abertura para uma outra discussão, ofertada pela curadoria. O filme, que começa em preto e branco e termina com as crianças comemorando num ambiente colorido, apesar de não discutir de maneira explícita as questões de gêneros e sexualidades, traz muitas aberturas e possibilidades de conversas.

Nesse mesmo sentido, o filme *Meus Pequenos Mundos*, ao apresentar uma viagem pela geografia da cidade, e na conversa entre dois amigos, também ampliava as discussões a serem feitas a partir da sessão, pelo contraste que se estabelecia entre esses filmes e os demais, que versavam sobre o meio ambiente. Ao mesmo tempo, foi possível perceber, sobretudo por se tratar de um conjunto de filmes de um mesmo Laboratório, uma constância no que diz respeito às questões éticas, estéticas, políticas e poéticas das obras. Tal homogeneidade imprimiu à sessão, para além das pequenas diferenças promovidas pelos exemplos supracitados, uma experiência a partir de um projeto único no que diz respeito à estética utilizada nos filmes.

Vale a pena registrar que uma das questões que surgiram durante as cineconversas foi relativa à própria realização audiovisual, feita para o público infantil, mas sem contar com a participação deste na confecção das obras audiovisuais do projeto. Preocupação constante nos estudos de cinema e educação, a participação das crianças e jovens não era algo notável nos filmes exibidos, uma vez que o mesmo padrão estético em todos os filmes denota a existência de profissionais por trás do processo,

3. Para assistir aos filmes da TV Lepete, acesse o canal do Laboratório no *youtube* através do link a seguir: <https://www.youtube.com/@TVLepete/videos>. Além disso, todos os filmes exibidos nas duas sessões estão listados ao final deste artigo com os respectivos links.

conduzindo a realização dos filmes, tomando decisões e promovendo um tipo de resultado que se sobrepõe ao processo em si. Os filmes traziam sempre, também, uma espécie de “moral da história”, com uma perspectiva mais conteudista e voltada para aquilo que estava sendo narrado, e não para uma dimensão inventiva da criação audiovisual. Elementos para reflexão que se juntam ao prazer estético de assistir a uma sessão repleta de obras de um laboratório de pesquisa com sons e imagens.

Já a sessão da tarde foi formada com curtas metragens de origens diversas, sem uma temática específica, considerando apenas a experiência estética de assistir a um conjunto de filmes marcados por propostas diferentes, mas que, ao serem reunidos numa mesma sessão, suscitaram novos horizontes de reflexão para a cineconversa realizada na sequência. A sessão reuniu seis filmes, sendo dois estadunidenses, um argentino e três brasileiros. A questão da curadoria que se coloca aqui é que, a partir dos repertórios e sensibilidades dos curadores, é possível agrupar, através dessas escolhas, obras audiovisuais que, quando exibidas juntas, são experienciadas de uma maneira diferente do que seriam se fossem vistas separadamente ou em outro contexto, num processo de apropriação criativa que se funde com o próprio conceito de curadoria.

Os filmes exibidos nessa sessão foram organizados da seguinte maneira: primeiro, foi exibido *Guardiões da Chama* (3 min.), uma animação estadunidense dirigida por Peter e Paul Reynolds, em 2013. Em seguida, foi a vez de *Dois Irmãos* (5 min.), filme sob coordenação de Nilda Alves, realizado entre 2019 e 2020, todo construído a partir de fotografias e com uma narração em *off* que, apesar de dialogar tematicamente com a sessão anterior, tem uma abordagem estética e de linguagem radicalmente diferente.

Depois, foi exibido o curta *Lila* (9 min.), filme argentino dirigido por Carlos Lascano, que mistura animação com *live action*, realizado em 2014. Em seguida, foi a vez de *In a heart beat* (4 min.) animação estadunidense dirigida por Beth David e Esteban Bravo, em 2017. Por fim, dois curtas metragens brasileiros foram apresentados, uma animação realizada por Alexandre Bersot, em 2012, a saber, *Imagine uma menina com cabelos de Brasil* (10 min.), e o curta-metragem *Travessia* (5 min.), dirigido por Safira Moreira, em 2017, totalizando uma sessão de, aproximadamente, 36 minutos.

Se a homogeneidade marcou a primeira sessão, esta foi caracterizada por propostas muito diferentes entre si, trazendo para as cineconversas questões de ordens éticas, estéticas, políticas e poéticas que não necessariamente estariam presentes em outra organização de filmes. Nesse sentido, a provocação feita pela curadoria foi justamente a de impulsionar conexões não previsíveis ou fáceis de serem feitas. Qual seria o fio condutor entre esses filmes pensado pela curadoria? Ou ainda: uma

sessão como essa precisa de um fio condutor, de algo que conecte todos os filmes exibidos? Ao que nos parece, as conexões possíveis tendem ao infinito e cabe àqueles que assistem aos filmes tecer quaisquer tipos de tramas entre eles.

Nesse sentido, as teorias da recepção (Iser, 1999; Jauss, 2004) nos fornecem os elementos balizadores para entendermos que a obra de arte é sempre aberta a muitas interpretações, afetações e sentidos. Podemos falar, assim, de uma estética da recepção. Nas palavras de Paul Ricoeur (1997, p. 283): “sem leitor que o acompanhe, não há ato configurante em ação no texto; e sem leitor que se aproprie dele, não há mundo desdobrado diante do texto”. Ou seja, é em nós, e entre nós, que o filme se transforma em produção de conhecimento, sentidos e afetos. Não se trata, aqui, de comparar o ato da leitura, sobre o qual versam as primeiras reflexões sobre a estética da recepção, ao ato de *verouirsentirpensar* um filme, mas de entender que em ambos os casos, e que se estende a toda a nossa relação com a obra de arte, é em nós que a obra ganha sentido. Podemos pensar, então, em sentidos construídos coletivamente quando experienciamos filmes através das cineconversas.

A riqueza e diversidade de sessões como essa reverberam nas cineconversas e na forma como nos relacionamos com os filmes exibidos, com a experiência de vê-los conjuntamente em uma mesma sessão. Naturalmente, alguns filmes suscitam mais questões, mais perguntas, ou até dominam as cineconversas no final. Na sessão em questão, o filme *Guardiões da Chama*, com sua idealização sobre o papel do professor, trouxe questionamentos sobre como a obra vê o trabalho docente que, naturalmente, vai de encontro ao que nós, educadoras e educadores, acreditamos. A complexidade da discussão sobre nosso ofício dá lugar a um tratamento mais superficial, romântico, redentor.

Nesse sentido, as escolhas da curadoria educativa podem parecer aleatórias, mas o modo como agenciamos nosso *verouirsentirpensar* diante dos filmes exibidos, nosso esforço de colocá-los em diálogo, de relacioná-los, é o que importa. Não há nada de aleatório na reunião de filmes que foram escolhidos e colocados juntos por um *professorcurador* em uma mesma sessão com o intuito de provocar reflexões as mais diversas. A questão que se coloca é que os sentidos que as duas sessões vão adquirir não estão pré-determinados, nem pelo conteúdo dos filmes, nem pela intenção de um curador. É o coletivo que dará sentido ao que foi exibido, o que se distancia, portanto, de sessões vistas de maneira individual ou em outros *espaçostempos*. Caso contrário, a própria experiência do cinema na escola ficaria empobrecida, distante de seu potencial inventivo e agregador. Não se trata, portanto,

de descobrir as intenções ocultas do curador, mas de ‘estarmos juntos’ refletindo, sentindo e nos deixando afetar por sons e imagens exibidos, através de um mosaico multicolor de filmes realizados, em momentos diferentes, do norte ao sul do nosso continente, como o que observamos nessas sessões.

As conexões que fazemos são, assim, de uma riqueza especial na medida em que dependem do somatório de nossos repertórios e sensibilidades com o somatório dos repertórios e sensibilidades dos demais. É através desse estar junto e dos filmes experienciados coletivamente nas sessões, seguidas pelas cineconversas, que realizamos conexões que seriam diferentes se tivéssemos assistidos aos filmes separadamente. Ou seja, ao assistirmos aos filmes e ouvirmos de que maneira esses afetaram os demais, podemos também fazer conexões que não fizemos individualmente. E o *professorcurador* está presente nesses momentos centrais: na escolha dos filmes e na condução das cineconversas.

As conexões entre os filmes são inúmeras, como, por exemplo, entre *Dois Irmãos*, totalmente realizado a partir de fotografias e com uma narração em *off*, e de *Travessia*, também com narração em *off*, e que se inicia com uma fotografia da bisavó da diretora do filme, partindo para a afirmação da negritude e do resgate da memória através do engajamento da cineasta, e da poesia de Conceição Evaristo utilizada no filme. Ou mesmo da docência como mostrada em *Guardiões da Chama* e da jornada de afirmação e aceitação da jovem enfrentando hostilidades no ambiente escolar em *Imagine uma menina com cabelos de Brasil*. Ou da releitura do mundo feita por *Lila*, que vê tudo com encantamento e afeto, e a descoberta do amor pelos jovens de *In a heart beat*. Conexões que alimentaram as cineconversas através das quais demos sentido ao que *vimosouvimosentimospensamos*, e seguimos pensando com esses sons e imagens que passaram a fazer parte de nós.

É em vista disso que a produção de conhecimentos a partir das sessões realizadas se deu tanto na proposta feita pela curadoria, na medida em que esta seleciona e coloca juntos filmes que serão *vistosouvidosentidospensados* em conjunto, quanto nas cineconversas, com as intervenções, interações, discussões a serem postas a partir dos filmes.

As sessões realizadas são *espaçostempos* diferenciados em relação às disciplinas tradicionalmente estabelecidas, e trazem possibilidades outras de produção e circulação de conhecimento tendo como ponto de partida os filmes exibidos em conjunto. Sendo assim, ‘estar junto’ para conversar sobre filmes tem um valor difícil de mensurar, e funciona hoje tanto como resistência às novas tecnologias quando estas afastam, quanto a uma forma de reinventar a produção de conhecimento dentro e fora da universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de seguirmos juntos *vendoouwindosentindopensando* filmes em *espaçotempos* educativos é inegável. Seja como forma de resistência, seja como projeto pedagógico, imagens e sons experienciados coletivamente oportunizam a produção de conhecimentos e afetos que transformam as cineconversas em momentos únicos de aprendizado e circulação de saberes com e a partir dos filmes.

Os pesquisadores e pesquisadoras dos diversos laboratórios e grupos de pesquisa em educação, imagens e sons que participaram do X Seminário, com suas apropriações criativas, com suas intervenções e inquietações durante as cineconversas, construíram juntos diversos momentos singulares de troca. A escolha feita pelos deslocamentos transnacionais é, sobretudo, uma afirmação do desejo de ‘estarmos juntos’, em um mesmo *espaçotempo*, produzindo esses momentos singulares. Os avanços tecnológicos trazem ganhos inegáveis, mas não substituem o encontro, a presença, a experiência desse ‘estar junto’.

O esforço feito pelo evento na elaboração de sessões de curtas metragens seguidas por cineconversas está ancorado na convicção do trabalho que desenvolvemos com sons e imagens em diferentes territórios, considerando tanto o que nos torna singulares nesses territórios, quanto as pontes que construímos, as redes que tecemos juntos e coletivamente. O exercício da curadoria, nesse sentido, constituiu-se como atividade realizada durante a pré-produção do X Seminário, imaginando o encontro, tecendo os filmes, cuidando/conservando cada obra, colocada em diálogo na mesma sessão para que, a partir disso, esta fosse ao encontro do grupo, e das trocas que se sucederam.

Acreditamos, assim, que o *professorcurador* promove o encontro de um grupo com determinadas obras, entendendo que é nas trocas que fazemos a partir dos filmes que a circulação de conhecimentos e afetos acontece, e não a partir de uma decodificação da obra ou de uma apreensão de seu conteúdo. É dessa forma que superamos a tradição conteudista do cinema na educação, contribuindo para que os estudos na área continuem avançando.

Experiências como a realização das sessões de curtas realizadas durante o X Seminário reafirmam uma forma de fazer pesquisa, de estar no mundo, de construir redes, afetos e saberes a partir dos e com os filmes, costurados através de uma curadoria educativa pensada por um *professorcurador* para abrir a possibilidade de circulação de novos conhecimentos e afetos através das cineconversas, que reafirmam em nós a condição de pesquisadores e pesquisadoras em permanente formação.

FILMES EXIBIDOS (ORGANIZADOS POR SESSÃO):

SESSÃO 1:

- A REVOLTA DOS BICHOS DA FLORESTA. Brasil: TV Lepete/UEA, 2019-2020. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal TV Lepete. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5NNjXMsHWpw>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- A MUCURA E A ARARA AZUL. Brasil: TV Lepete/UEA, 2019-2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal TV Lepete. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gnzdCiKBmPw>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- CUIDADOS COM A ÁGUA. Brasil: TV Lepete/UEA, 2019-2020. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal TV Lepete. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pk8uJLLmYqs>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- DESCOBRINDO SUA IDENTIDADE. Brasil: TV Lepete/UEA, 2019-2020. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal TV Lepete. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ao5o4_RORYY. Acesso em: 16 mar. 2025.
- MEUS PEQUENOS MUNDOS. Brasil: TV Lepete/UEA, 2019-2020. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal TV Lepete. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cUuTIYtATH8>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- A ANTAAPURADORA DE FATOS. Brasil: TV Lepete/UEA, 2019-2020. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal TV Lepete. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZK7B_UCzw8c&list=PLtH2C9DreozgiROQSkqPIAcwEJ27R-eZ8&index=2. Acesso em: 16 mar. 2025.
- A ONÇA E O MACACO. Brasil: TV Lepete/UEA, 2019-2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal TV Lepete. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gYtpTloxno>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- MACACADA MANAUARA. Brasil: TV Lepete/UEA, 2019-2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal TV Lepete. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Jae_8-STGAM&list=PLtH2C9DreozgiROQSkqPIAcwEJ27R-eZ8&index=1. Acesso em: 16 mar. 2025.

SESSÃO 2:

- GUARDIÕES DA CHAMA. Estados Unidos: Fablevision, 2013. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Psico.online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=en4qd9KD24E>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- DOIS IRMÃOS. Brasil: Laboratório Educação e Imagem, 2019-2020. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JDPBMVCzvYg>. Publicado pelo canal Laboratório Educação e Imagens e Sons. Acesso em: 16 mar. 2025.
- LILA. Argentina: Dreamlife, 2014. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Carlos Lascano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sUy6WJL7wV8>. Acesso em: 16 mar. 2025.

- IN A HEART BEAT. Estados Unidos: Ringling College of Art+Design, 2017. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal In a Heartbeat Animated Short Film. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2REkk9SCRno>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- IMAGINE UMA MENINA COM CABELOS DE BRASIL. Brasil: Alexandria, 2010. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Alexandre Bersot. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ySx58N5OREg>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- TRAVESSIA. Brasil: Escola de Cinema Darcy Ribeiro, 2017. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Ver Juntas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9CePRpowvCw&t=4s>. Acesso em: 16 mar. 2025.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). Nilda Alves: praticantepensante de cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 133-152.
- ALVES, Nilda *et al.* SÓ AS ARTES NOS ALVAM!!!!!! – as tantas crianças que há em nós. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 158-172, maio/ago. 2021.
- ALVES, Nilda; RAMOS, Andréia. ‘Cineconversas’ para ‘verouvirsentirpensar’ o filme “O Guri” nos cotidianos escolares. **Quaestio**: revista de estudos em educação, Sorocaba, SP, v. 24, p. 1-20, 2022.
- BERGALA, Alain. **A Hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Cinead/UFRJ/Booklink, 2008.
- FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LEONZINI, Nessler. “Apresentação”. *In: OBRIST, Hans Ulrich. Uma Breve História da Curadoria*. São Paulo: BEI Comunicação, 2010. p. 9-11.
- MARTINS, Miriam. Curadoria educativa: inventando conversas. **Reflexão e Ação** – Revista do Departamento de Educação/UNISC, v. 14, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2006.
- MARTINS, Miriam; PICOSQUE, Gisa. Inventário dos Achados – O olhar do professor-escavador de sentidos – **4ª. Bienal**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2003.
- PRETO, Nelson. **Uma escola sem/com futuro**. Salvador: EDUFBA, 2013.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo 3. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- VERGARA, Luís. Curadoria Educativa: Percepção Imaginativa/Consciência do Olhar. *In: CERVETTO, Renata; LÓPEZ, Miguel. Agite antes de usar*: deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. São Paulo: Edições Sesc, 2018. p. 39-45.
- WANZELER, Eglê; MENEZES, Maria Quitéria. A produção de audiovisuais como narrativa de construção do conhecimento científico e de emancipação social: a experiência da TV Lepete. **ReDoc** – Revista Docência e Cibercultura, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 155-166, jan./abr. 2021.

SOBRE O AUTOR

Alexandre Silva Guerreiro é doutor em Comunicação pelo PPGCOM/UFF. Em sua pesquisa de pós-doutoramento no PPGE/UFRJ, desenvolveu a pesquisa “Cinema Afirmativo: alteridade, educação e direitos humanos”. Atualmente, é Professor Adjunto da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais, na mesma instituição.

E-mail: alexandreguerreirouerj@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0767-5054>.

Recebido em 08 de dezembro de 2024 e aprovado em 26 de fevereiro de 2025.